

## O ensino do Jornalismo Radiofônico na ESEP e na UNITAU: duas experiências em recantos de Portugal e do Brasil<sup>1</sup>

Lourival da Cruz Galvão Júnior<sup>2</sup> Página | 25

[galvaoir@usp.br](mailto:galvaoir@usp.br)

### Resumo

A formação em Jornalismo Radiofônico em Portugal e no Brasil submete-se, nos últimos anos, a adequações que visam contextualizar as ações teórico/práticas à presença massiva das novas tecnologias digitais e à convergência da rádio com outros media na Web. Instituições de Ensino Superior, nos dois países, vivenciam experiências que buscam promover a aderência do ensino à realidade. Este trabalho tem o propósito de apresentar trabalhos relativos à formação em Jornalismo Radiofônico em dois grandes centros de Ensino Superior instalados em relevantes regiões do interior de Portugal e do Brasil, sendo respetivamente o curso de Jornalismo e Comunicação da Escola Superior de Educação de Portalegre (ESEP) e o curso de Jornalismo do Departamento de Comunicação Social da Universidade de Taubaté (UNITAU). Observaram-se, neste estudo, importantes semelhanças nas atividades empreendidas nas duas Instituições Educacionais, que ainda indicaram distinções decorrentes de suas caracterizações regionais.

Palavras-chave: Formação Acadêmica; Jornalismo Radiofônico; Tecnologias Digitais; Convergência

### Abstract

Training in Radio Journalism in Portugal and Brazil submits, in recent years, the adjustments that to contextualize the theoretical/practices actions to the massive presence of new digital technologies and convergence of radio with other media on the Web. Higher Education Institutions in both countries, experience that seek to promote adherence education to reality. To present work on training in Radio Journalism in two major centers of higher education installed in relevant regions of the interior of Portugal and Brazil, respectively being: the course of Journalism and Communication of *Escola Superior de Educação de Portalegre (ESEP)* and the course of Journalism at the *Departamento de Comunicação Social da Universidade de Taubaté (UNITAU)*. Were observed in this study important similarities in the activities undertaken in the two educational institutions, which also indicated distinctions arising from its regional characterizations.

Keywords: Education; Radio Journalism; Digital Technologies; Convergence

---

<sup>1</sup> Texto estruturado a partir da variante linguística brasileira da Língua Portuguesa.

<sup>2</sup> Doutorando em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP) e professor de Radiojornalismo do Departamento de Comunicação Social da Universidade de Taubaté (UNITAU) – Brasil.

Conceituado como “instrumento que serve para atualizar o público por meio da divulgação, do acompanhamento e da análise dos fatos” (Barbosa Filho, 2009: 89), o gênero jornalístico radiofônico tem, no decorrer da história, se adaptado às influências de cada novo contexto no qual é inserido. Na atualidade, essa situação ocorre numa velocidade nunca antes notada, principalmente devido à convergência da rádio com outros media no ambiente virtual e por causa do uso massivo das tecnologias digitais por jornalistas e pelas audiências.

A rapidez na veiculação da notícia, que se apresenta como “unidade estrutural mínima da informação radiofônica, concisa, simples e formalmente neutra” (Prado, 1989: 48), somada a capacidade de mobilizar os ouvintes por intermédio do estímulo sensorial, tornam à rádio pioneira na divulgação dos fatos no momento em que eles ocorrem. A instantaneidade na emissão e na recepção sonora que antes era dependente apenas das ondas eletromagnéticas ganhou novo e amplo espectro devido à internet. “Mesmo nas transmissões ao vivo [em direto], os *sites* [sítios] podem disponibilizar os arquivos de áudio para que os ouvintes possam escutá-los posteriormente, *on demand*” (Ortriwano, 2003: 81).

Na era digital, o jornalismo radiofônico depara-se com um público que, em parte, preserva antigos hábitos de audiência e, em outra parte, renova comportamentos a partir da capacidade de interação amplificada pela configuração das novas tecnologias e do acesso à *Web*. Nesse sentido, torna-se imprescindível a formação de profissionais que estejam sintonizados ao novo contexto e não a um modelo de rádio analógico que se dilui com o tempo, uma vez que os avanços tecnológicos digitais estabelecem novos procedimentos de produção que são agregados às práticas já estabelecidas.

Inúmeras rádios no Brasil e em Portugal buscam uma reconfiguração produtiva que, na atualidade, ocorre de maneira intensa e gradativa. A imbricação entre *Rádio* e *Jornalismo*, evidente desde as primeiras emissões de ondas eletromagnéticas, constitui um novo *Radiojornalismo* ou *Jornalismo Radiofónico* – termos que designam um expressivo segmento da Comunicação responsável interpretar e transmitir à sociedade os fatos com determinada periodicidade com o propósito “de difundir conhecimentos e orientar a opinião pública, no sentido de promover o bem comum” (Maluly, 2013: 26).

No atual cenário, no qual o fazer jornalístico nas rádios se submete a uma reconfiguração de grande abrangência, insere-se também a formação universitária que tem a missão de capacitar profissionais críticos, socialmente comprometidos e preparados para atuar em medias que passam por transformações profundas, contínuas e sem volta. No tocante ao ensino do Jornalismo Radiofônico, o preparo dos estudantes aptos a encarar os desafios atuais exige, dos docentes, constante reavaliação e atualização dos conteúdos ministrados nas salas de aula e nos laboratórios. Tal condição é inerente a todas as instituições de ensino de nível superior, sejam elas situadas nos grandes centros urbanos ou nos rincões de cada nação.

Ao observar a afirmação de Cury e Barbosa (2012: 82) de que “o futuro do Jornalismo passa menos pela mídia que vai publicar o acontecimento e mais pela formação de profissionais, especialmente na universidade, para que estes aprendam as novas linguagens e saibam produzir notícias para a chamada era digital”, apresentam-se a seguir experiências educacionais relacionadas a formação em Jornalismo Radiofônico que são promovidas em duas expressivas instituições de Ensino Superior situadas em regiões do interior de Portugal e do Brasil, sendo respetivamente a Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Portalegre (IPP/ESEP); e o Departamento de Comunicação Social da Universidade de Taubaté (UNITAU).

### **1. A Oficina de Jornalismo Radiofônico da ESEP**

Situado no Norte Alentejano ou Alto Alentejo, em meio ao Parque Natural da Serra de São Mamede e próximo à fronteira com a Espanha, o Concelho de Portalegre caracteriza-se como importante polo regional Português. De acordo com o sítio da Câmara Municipal de Portalegre<sup>3</sup>, o município tem uma população residente de pouco mais de 24.930 habitantes. As edificações históricas, muitas oriundas dos primórdios de Portalegre no século XIII, revelam uma localidade detentora de uma vasta riqueza cultural, paisagística e gastronômica, que também oferece opções de turismo rural e urbano. Neste último segmento destacam-se, dentre as diversas atrações, a Sé Catedral

---

<sup>3</sup> Informações disponíveis em: < <http://www.cm-portalegre.pt/pt/concelho/o-nosso-lugar-no-mundo-quem-somos-chegar>>. Acesso em: 05 fev. 2015.

e o Castelo de Portalegre e as Fortificações de Elvas, consideradas como Patrimônio da Humanidade pela *United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization* – UNESCO.

Outra vocação da cidade é o Ensino. Prova disso é o Instituto Politécnico de Portalegre (IPP) que, segundo a Wikipedia<sup>4</sup>, atrai para a cidade cerca de 3.500 alunos, ou seja, quase 20% da população que reside de forma permanente. A instituição pública de Ensino Superior foi criada em 1980, sendo formada pelas seguintes unidades: Escola Superior de Educação (ESEP), Escola Superior de Tecnologia e Gestão (ESTG) e, em Portalegre, pela Escola Superior de Saúde (ESS) e, em Elvas, pela Escola Superior Agrária (ESAE). Em seu sítio na internet<sup>5</sup>, o IPP revela a intenção de promover, dentre outros aspetos, o desenvolvimento da região na qual seus cursos são oferecidos.

O Instituto Politécnico de Portalegre tem como uma das suas grandes preocupações o desenvolvimento regional, tendo uma forte relação com a comunidade envolvente. Por outro lado, preocupa-se em acompanhar a inserção profissional dos seus alunos, criando condições para a sua fixação na região. Apesar desta forte aposta regional, o IPP não descarta o intercâmbio e as relações externas nacionais e internacionais [Versão Eletrónica].

A formação em Jornalismo e Comunicação é promovida na ESEP desde 1994. Ainda na internet, a instituição informa que o curso oferecido nesse setor volta-se à formação de técnicos preparados para a prática profissional, “quer no domínio mais abrangente da comunicação, quer num dos perfis referidos, como: jornalistas nos diversos meios de comunicação social escrita, falada e audiovisual, de âmbito local, regional ou nacional” [Versão Eletrónica]. Para Mesquita e Ponte (1997), a estrutura curricular voltada ao Jornalismo e Comunicação da ESEP dá importância à componente de Línguas (Português e Línguas Estrangeiras), oferecendo como opcionais cadeiras direcionadas ao Jornalismo, como Ética e Deontologia do Jornalismo, Fotojornalismo e História da Imprensa Regional.

Outra atividade realçada no currículo são as “Oficinas de Produção Jornalística” que, de acordo com o Diário da República de 22 de fevereiro de 2008<sup>6</sup>, são oferecidas

<sup>4</sup>Informações disponíveis em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Portalegre\\_%28Portugal%29#Estabelecimentos\\_de\\_ensino](http://pt.wikipedia.org/wiki/Portalegre_%28Portugal%29#Estabelecimentos_de_ensino)>. Acesso em: 05 fev. 2015.

<sup>5</sup>Informações disponíveis em: <<http://www.ipportalegre.pt/html1/10%20Polit%C3%A9cnico.aspx>>. Acesso em: 05 fev. 2015.

<sup>6</sup>Informações disponíveis em: <[http://www.esep.pt/novos\\_cursos/apresentacao\\_cursos.php?id=5](http://www.esep.pt/novos_cursos/apresentacao_cursos.php?id=5)>. Acesso em: 05 fev. 2015.

aos estudantes no 2º ano/4º semestre (*Oficina de Jornalismo*) e no 3º ano/6º semestre (*Oficina de Jornalismo Radiofónico, Oficina de Jornalismo Televisivo e Oficina de Ciberjornalismo*). O tempo de trabalho destinado a cada oficina em seus respetivos períodos é de 150 horas. No caso específico da Oficina de Jornalismo Radiofónico, foco deste trabalho, nota-se que há uma intensa interação entre as ações teóricas promovidas em sala de aula e as atividades práticas realizadas em um amplo estúdio de áudio dotado de microfones, mesa de mixagem de som e computador com *softwares* para edição sonora, dentre outros equipamentos.

Joaquim Luís Bonixe<sup>7</sup> é o professor responsável pela formação acadêmica em Radiojornalismo na ESEP. De acordo com ele<sup>8</sup>, normalmente na terceira semana após as aulas teóricas, os alunos formam quatro grupos de cinco ou seis pessoas, em média, para a realização dos trabalhos práticos. Municiados de textos jornalísticos previamente redigidos por eles a partir do aprendizado de técnicas específicas à área, os estudantes gravam blocos noticiosos, editam e fazem a locução de noticiários com oito a dez minutos de duração. Outra ação prática é a intercalação, nos textos, de *registos sonoros* extraídos de entrevistas feitas previamente pelos alunos de Jornalismo e Comunicação da ESEP. “Temos uma forte componente prática no curso que é muito valorizada por nossos estudantes. [...] Quase todas as aulas são trabalhadas no estúdio de rádio. Nós fazemos com os alunos peças radiofônicas, portanto trabalho jornalístico”, salientou Luís Bonixe, que faz acompanhamento teórico e técnico dos estudantes no transcorrer dos processos que envolvem as atividades promovidas na oficina.

Inspirados em parte pelas produções emitidas por rádios informativas de grande audiência em Portugal como TSF, Antena 1 e Renascença, os noticiosos feitos pelos acadêmicos são disponibilizados na internet no *ESEP Jornal Digital*<sup>9</sup>, sítio onde as sonoridades radiofônicas convergem com conteúdos elaborados em outras oficinas da Instituição de Ensino, como as de Jornalismo Televisivo e Ciberjornalismo. As peças

---

<sup>7</sup> Professor Adjunto da Escola Superior de Educação de Portalegre diretor do curso de Jornalismo e Comunicação desta Escola. Jornalista atuante em Portugal é também Doutor em Ciências da Comunicação pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (FCSH/UNL). Informações disponíveis em: <[http://cimj.org/index.php?option=com\\_content&view=article&id=313:luis-bonixe&catid=31:investigadores-integrados&Itemid=148](http://cimj.org/index.php?option=com_content&view=article&id=313:luis-bonixe&catid=31:investigadores-integrados&Itemid=148)>. Acesso em: 05 fev. 2015.

<sup>8</sup> Entrevista concedida em outubro de 2013.

<sup>9</sup> Informações disponíveis em: <<http://www.esep.pt/esepjd/>>. Acesso em: 20 fev. 2015.

radiofônicas ainda podem ser encontradas no *Youtube* e no *Facebook*. Segundo Bonixe, os trabalhos são também emitidos em direto para a faculdade, mediante a supervisão e posterior avaliação docente.

Todo o processo produtivo efetivado na *Oficina de Jornalismo Radiofónico*, que vai da gravação das chamadas, passa pela edição dos boletins e o agrupamento de todo o material no noticiário final, chegando à locução em direto, busca observar as rotinas de trabalho mantidas por rádios situadas no interior e nos grandes centros urbanos de Portugal com o intuito de aderir o Ensino à realidade vigente no mercado. A elaboração de vinhetas a partir da manipulação de programas de áudio como o *Adobe Audition* e o emprego da internet como plataforma difusora das ações acadêmicas atendem a duas situações também comuns àquelas vivenciadas pelas rádios portuguesas: a convergência de conteúdos na *Web* e o uso disseminado na sociedade das tecnologias digitais. Luís Bonixe salienta os objetivos dessa ação:

Nós tentamos trabalhar essa nova tendência, ou seja, essa ideia de que rádio já não existe só na forma, digamos, tradicional, mais também divulgada através da internet. As peças que fazemos não vão para uma rádio tradicional. Ao coloca-las em um sítio temos que fragmentá-las; torna-las mais pequenas (Depoimento obtido em entrevista).

Na avaliação dos alunos do curso de Jornalismo e Comunicação<sup>10</sup>, as atividades da *Oficina de Jornalismo Radiofónico* estimulam o aprendizado, tornando-o mais atraente e abrangente. “Aprendemos a mexer com os programas da internet, com as mesas do estúdio e com os microfones. Se formos para um trabalho ou para um estágio sem essa base com certeza teremos um caminho difícil a seguir”, destacou Patrícia Gargaté. “Eu nunca tinha mexido em qualquer programa de rádio, ou em mesa de mistura [de áudio] ou algo do gênero. Por isso trata-se de uma experiência nova que é fundamental para nós que vamos para a prática. Os alunos que saem de nossa escola saem com prática”, declarou Rui Canatário. “Nessas aulas práticas nós temos a possibilidade de experimentar, de errar e de aprender com os erros. O professor está sempre a nos dar apoio; nunca trabalhamos sozinhos”, frisou Eusébio Custódio. “Eu noto que as aulas práticas são mais numerosas do que as aulas teóricas. Mas o que temos nas

---

<sup>10</sup> Entrevistas obtidas em outubro de 2013.

aulas teóricas é encaixado nas aulas práticas e isso é muito importante”, finalizou Rita Veríssimo.

**Figura 1** – Orientação teórico/prática



**Figura 2** – Edição dos áudios



**Figura 3** – Locução em direto



**Figura 4** – Análise da emissão



Fotos: L. C. Galvão Júnior (Out. 2013)

## **2. O Radiojornalismo no Departamento de Comunicação Social da UNITAU**

Taubaté situa-se no interior do Estado de São Paulo, na região Sudeste do Brasil, no Médio Vale do Rio Paraíba do Sul. A localidade, chamada regionalmente de “Vale do Paraíba” por ser cortada pelo Rio Paraíba do Sul (que lhe dá nome) é ladeada por duas extensões montanhosas chamadas *Serra do Mar* e *Serra da Mantiqueira*, que abrigam reservas de fauna e flora da Mata Atlântica. Taubaté tem posição geográfica privilegiada, pois se mantém próxima das três principais capitais brasileiras: Rio de Janeiro (280 quilômetros de Taubaté), São Paulo (123 quilômetros) e Belo Horizonte, em Minas Gerais (650 quilômetros). O município ainda é cortado pela principal rodovia do país – a

Presidente Dutra, que faz a ligação entre São Paulo e Rio de Janeiro. A importância geográfica de Taubaté destaca-se no contexto económico e social brasileiro:

As facilidades de transporte, com duas rodovias de acesso a São Paulo, além das ligações com o Litoral Norte, Campos do Jordão, Minas Gerais e Rio de Janeiro; com rede ferroviária, que garante acesso ao sistema portuário e a proximidade com aeroportos de São José dos Campos, Guarulhos, Campinas e São Paulo, fazem Taubaté um ponto estratégico para os investimentos. Além do mais, a cidade está situada no eixo expandido da região metropolitana de São José dos Campos, pólo industrial e tecnológico que tem apresentado picos de crescimento, tanto na captação de investimentos, como na arrecadação (Costa, 2005: 24).

Conforme o censo feito em 2010 pelo IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Taubaté tem pouco mais de 278 mil habitantes. Fundada em 5 de dezembro de 1645, data de elevação à condição de vila, a cidade foi na primeira metade do século passado o principal centro urbano da região onde está inserida, ocupando atualmente o *status* de segundo maior município. No segmento económico, Taubaté destaca-se pela pujança no setor industrial devido à presença de empresas automobilísticas, como Ford e Volkswagen; e de telecomunicações, como a LG Electronics. O setor de serviços e de comércio é também crescente, marcado principalmente pela existência de dois grandes Shopping Centers que atraem consumidores de várias cidades circunvizinhas. Segundo o IBGE, o IDH – Índice de Desenvolvimento Humano da cidade é o 21º do Estado de São Paulo e o PIB – Produto Interno Bruto situa-se como o 53º do Brasil.

Assim como Portalegre, Taubaté possui diversos atrativos turísticos e culturais, sendo ainda a terra natal do escritor José Bento Monteiro Lobato, autor do Sítio do Pica-pau Amarelo, obra literária infantil que ganhou o mundo por intermédio das produções televisivas. Outra semelhança mantida com a cidade portuguesa relaciona-se à vocação educacional. Prova disso é a Universidade de Taubaté, conhecida pela sigla UNITAU, que possui mais de 15 mil alunos que dispõem de 99 laboratórios, acervo bibliográfico com mais de 240 mil obras e 53 grupos de pesquisa nas áreas de Humanas, Biociências e Exatas. Desde sua criação, há 40 anos, a Instituição Municipal de Ensino Superior atua sob a forma de autarquia educacional de regime especial, sendo a responsável por graduar, ao longo de sua existência, mais de 90 mil estudantes<sup>11</sup>.

---

<sup>11</sup> Informações disponíveis em: < <http://www.unitau.br/a-unitau/a-universidade/>>. Acesso em 20 fev. 2015.

Criado em 1979, o Departamento de Comunicação Social da UNITAU formou mais de 2.500 alunos nas habilitações de Jornalismo, de Publicidade e Propaganda e de Relações Públicas. Os cursos, que têm duração de quatro anos ou oito semestres, contam com diversificada gama de disciplinas em sua estrutura curricular, visando formar profissionais aptos a atender às expectativas cada vez mais distintas dos setores vinculados à Comunicação Social. No tocante ao Jornalismo, o currículo oferece aos alunos disciplinas de viés prioritariamente teórico, como Filosofia, Sociologia, Teoria Política e Geopolítica; ou de escopo predominantemente prático, como Fotojornalismo, Telejornalismo e Radiojornalismo – está última foco deste trabalho.

A formação em Jornalismo Radiofônico ocorre no segundo e terceiro semestres, iniciando com a disciplina *Radiojornalismo* e finalizando com *Produção e Edição em Rádio*. Cada período semestral dispõe de uma carga de 80 horas para a realização das atividades teórico/práticas. A formação acadêmica está sob a responsabilidade de três docentes com ampla experiência profissional na área: Lourival da Cruz Galvão Júnior, Robson Luis Monteiro e Gerson Mário de Abreu Farias<sup>12</sup>.

Em *Radiojornalismo*, os conteúdos teóricos apresentam maior concentração, sendo as ações práticas aplicadas gradativamente no transcorrer das aulas. O propósito é disponibilizar aos estudantes uma série de conhecimentos específicos que permitirão compreender as origens, a evolução e as tendências futuras do Jornalismo Radiofônico. Fazem parte das ações empreendidas nesta disciplina a análise da estrutura funcional do jornalismo em rádio, a aplicação da linguagem radiofônica jornalística e a apresentação das técnicas específicas de Radiojornalismo, com a produção de textos radiofônicos, de jornais radiofônicos e jornais diários de rádio. As experiências iniciais com a produção e a apresentação de pequenos textos informativos ocorrem no laboratório de rádio do departamento, que dispõe de equipamentos para produção sonora e de um estúdio para locução. Há em anexo ao estúdio uma sala de aula onde os alunos simulam reportagens externas em direto ou recebem instruções sobre as tarefas acadêmicas.

---

<sup>12</sup> Os três professores ainda são Mestres em Linguística Aplicada pela Universidade de Taubaté.

Em *Produção e Edição em Rádio*, a elaboração das peças radiofônicas de perfil jornalístico é priorizada e ampliada em maior número, sendo o conteúdo teórico resgatado durante o processo de manufatura do material. A disciplina é prioritariamente prática, com foco na elaboração de diferentes estilos de noticiário radiofônico, na realização de entrevistas de estúdio e de grandes reportagens externas gravadas e na edição produção de roteiros de programas jornalísticos no rádio. Há espaço para o Radiojornalismo Esportivo, com a simulação de reportagens voltadas a esse segmento e o acompanhamento de locução em formato *off tube* de futebol, ou seja, a narração de uma determinada partida ocorre no estúdio, utilizando para isso as imagens emitidas pela televisão. A última atividade é marcada pela elaboração de um radio documentário gravado, onde devem ser expostos todos os elementos teóricos e práticos apresentados no decorrer do semestre. Todas as atividades são feitas em grupos, formados por cinco a seis alunos, em média.

No tocante às tecnologias digitais e a convergência com outros media na *Web*, as disciplinas destinadas à formação em Jornalismo radiofônico contavam apenas com um sítio na internet<sup>13</sup> criado pelo professor Gerson Mário, onde estão expostos trabalhos elaborados por alunos em anos passados. Mais recentemente os docentes buscam implantar trabalhos direcionados a manipulação de *softwares* de edição de áudio, como o *Audacity*. A medida, além de atender demandas relativas à rádio na *Web* e as novas tecnologias, busca suprir carências identificadas pelos alunos em pesquisa que realizei em 2013 no Departamento de Comunicação Social.

O levantamento quantitativo atingiu as turmas dos períodos matutino e noturno de Jornalismo e teve a intenção de moldar um perfil dos alunos, bem como a relação deles com a rádio. A pesquisa revelou que os estudantes do curso de Jornalismo do Departamento de Comunicação Social da UNITAU são predominantemente jovens, vivem na cidade na qual está instalada a Instituição onde estudam ou então moram em municípios próximos a ela. Os estudantes revelaram acompanhar de forma esporádica as notícias divulgadas por jornais e revistas impressos. A televisão é vista com frequência pelos académicos e a internet é a mídia mais usada para obter informações.

---

<sup>13</sup> Informações disponíveis em: < <http://radiolab-unitau.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 20 Jan. 2015.

O rádio foi pouco lembrado pelos alunos, sendo o veículo menos citado como predileto ou que menos desperta o desejo de atuação profissional. A audiência dos alunos apresentou-se como diária, mas pequena na quantidade de tempo, ocorrendo no automóvel ou em casa e privilegiando o conteúdo musical que é ouvido de emissoras FM. Os alunos alegaram acompanhar com pouca frequência o Jornalismo Radiofônico. Apesar disso, a maioria afirmou ter a intenção de trabalhar numa rádio, caso ocorresse a oportunidade. Não obstante ao amplo uso da internet, em grande parte nas residências, os estudantes indicaram não manipular aplicativos ou *softwares* de edição áudio. Quase todos também não ouvem rádios *online*.

Durante as aulas, os alunos sugeriram empreender um maior uso de tecnologias digitais para exposição dos conteúdos teóricos, além da ampliação no uso dos meios tecnológicos atuais nas atividades práticas. Essa constatação indicou a necessidade de potencializar o uso diversificado dos computadores e da internet, antes empregados prioritariamente para elaboração de pautas ou de textos jornalísticos. O levantamento também revelou que era preponderante avaliar lacunas estruturais e logísticas, como a carência de tecnologias digitais em sala de aula e a atualização dos equipamentos existentes nos laboratórios de rádio e de informática – condições que são objeto de análise da Instituição de Ensino desde a aplicação da pesquisa.

Apesar da boa avaliação que fizeram das atividades práticas, os universitários ressaltaram a premência de um maior uso dos meios tecnológicos digitais. Já as atividades teóricas, que tiveram também o conteúdo elogiado, careciam na opinião dos alunos de maior dinamismo e de mais exemplos práticos. Concluiu-se, após análise dos dados coletados, a existência de indícios de desfasagem dos conteúdos teórico/práticos ministrados que aparentaram vinculação a uma formação de tendência tradicional e voltada ao rádio analógico, o que permitiu deduzir que as disciplinas devem privilegiar uso contextualizado das tecnologias digitais e a atual fase convergente do rádio.

Mediante as constatações, tem-se promovido nas salas de aulas e no laboratório uma readequação do ensino com vistas à aderência a realidade da rádio, media cada dia mais envolvo no emaranhado das teias que conectam os indivíduos não apenas de forma local, mas fundamentalmente global. Deduz-se que o escopo mantido na formação em

Jornalismo Radiofônico na UNITAU deve-se, em parte, pelo caráter regional do curso oferecido pelo Departamento de Comunicação Social. Esse viés, apesar de louvável, merece compreender aspectos mais amplos, uma vez que a nova condição na qual se insere a sociedade exige abordagens que atendam as carências vigentes e vindouras.

**Figura 5 –** Locução em direto



**Figura 6 –** Narração Esportiva



**Figura 7 –** Equipamentos



**Figura 8 –** Alunos de Radiojornalismo



Fotos: Acervo – Laboratório de Rádio / UNITAU

### 3. Considerações finais

As ações relativas à formação em Jornalismo Radiofônico na ESEP, em Portalegre, e na UNITAU, em Taubaté, revelaram semelhanças que merecem ser ressaltadas. A primeira delas refere-se à predisposição regional de ambos os cursos, que são referência nas localidades onde estão instalados. Em Portugal e no Brasil, as instituições de Ensino Superior que foram abordadas neste trabalho atraem alunos não apenas pela qualidade dos cursos oferecidos, mas também pela possibilidade de permitir aos acadêmicos a

ampla expressão, na prática dos laboratórios, do aprendizado teórico adquirido nas salas de aula.

As estratégias de aplicação das técnicas jornalísticas na rádio é outro ponto em comum entre os cursos, uma vez que os esforços docentes não são centrados na mera manipulação de equipamentos, mas na compreensão do que é rádio e de como esse media se manifesta na atualidade. O perfil dos estudantes e o desejo deles em aprender a profissão são aspetos análogos às instituições e que puderam ser facilmente observados nas entrevistas feitas em Portalegre ou na pesquisa empreendida em Taubaté. Apesar dos resultados positivos obtidos ao longo do tempo, os docentes que respondem pela formação em Jornalismo Radiofônico expuseram-se como cientes da necessidade de empreender esforços no sentido de atualizar suas ações, aproximando os estudantes da realidade profissional na qual os medias são submetidos.

Atingida por transmutações que se intensificam por conta da disseminação de novos aparatos tecnológicos e da convergência no ambiente digital enfrenta, a formação acadêmica em Portugal e no Brasil depara-se com o desafio de capacitar profissionais que, em primeiro lugar, devem prezar pelas premissas do Jornalismo. A operação de *softwares* e o manuseio de artefactos de última geração revelaram-se como importantes a essa intenção. Porém, estar conectado e dominar as tecnologias digitais não são aptidões que suplantam o ensino, como mostraram as ações empreendidas nos cursos focalizados neste trabalho.

Verificou-se ainda que não basta apenas operar equipamentos, mas compreender que eles são instrumentos que permitem a ponderação, a crítica e a construção coletiva do conhecimento. As tecnologias digitais foram apresentadas de maneira oposta aos modelos de caráter utilitarista que são disseminados por muitas instituições de ensino que veem, nas tecnologias vigentes, uma forma de conquistar novos públicos. O cuidado com a formação proporcionada nas salas de aula e laboratórios foi além das tecnologias, assim como o Jornalismo vai além da Rádio. Esses propósitos, observados nos casos analisados, revelaram que a intenção das disciplinas não foi provimento de habilidades instrumentais, mas a capacitação de profissionais aptos a compreender tudo aquilo que os envolve.

As experiências observadas no Brasil e em Portugal revelaram, prioritariamente, condições próximas àquela exposta por Mario Kaplún (2002), que enfatizou as mudanças empreendidas pelo educador Célestin Freinet no sistema educativo Francês no qual seus alunos estavam submetidos no início do século passado. Essas ações, que visaram suprimir o ensino repressivo, mecânico e dissociado da vida cotidiana a partir de soluções que superam as dificuldades estruturais e conjunturais à época, guardam proximidade com as iniciativas empreendidas em Portalegre e em Taubaté.

Nos casos pesquisados, o propósito de educar mostrou-se maior do que qualquer barreira e ou limitação, uma vez que prioriza a adequação do ensino a nova realidade. Constatou-se a busca pela superação de um dos maiores problemas atuais enfrentados no ambiente escolar: o esquema da classe frontal, na qual o aluno se vê como um ser passivo e reduzido a um recetáculo de conhecimento – alusão metafórica de Kaplún ao modelo bancário de Paulo Freire (*op. cit.*: 49-50).

Práticas do passado, como as de Célestin Freinet, bem como esforços do presente na formação em Jornalismo Radiofônico no Brasil e em Portugal apontam para duas premissas básicas que servem à proposta formulada por Kaplún. A primeira trata da apropriação do conhecimento que é catalisada quando os alunos são instituídos e potencializados como emissores, e não como recetores. A segunda entende que educar é envolver-se em um processo constituído por múltiplas interações, sendo que um sistema será cada vez mais educativo quanto mais rica for a trama de fluxos comunicacionais colocados à disposição dos estudantes (*op. cit.*: 60-61). Considera-se, por fim, a força da construção coletiva dos saberes como uma condição fundamental que deve ser extensiva e priorizada a todas as ações educacionais, como bem ocorre nas atividades empreendidas nas duas grandes Instituições de Ensino superior situadas no interior de Portugal e do Brasil.

## Referências Bibliográficas

Barbosa Filho, André. (2009) *Gêneros Radiofônicos: os formatos e os programas em áudio*. 2. ed. São Paulo: Paulinas.

Costa, Silvio L. (2005) *Taubaté: o local e o global na construção do desenvolvimento*. Taubaté: Cabral Editora.

Cury, Lucilene; Barbosa, Alexandre. (2012). *Em pauta: o jornalismo do futuro*. In: Cury, Lucilene (Org.). *Tecnologias digitais nas interfaces da Comunicação/Educação: desafios e perspectivas*. Curitiba: Editora CRV.

Kaplún, Mario. *Una pedagogía de la comunicación: el comunicador popular*. La Habana: Editorial Caminos, 2002.

Maluly, Luciano V. Barros. (2013) *O ensino do Radiojornalismo: experiências luso-brasileiras*. São Paulo: ECA/USP.

Mesquita, Mário e Ponte, Cristina. (1996/97) *Situação do ensino e da formação profissional na área do jornalismo*. Estudo elaborado para a representação da Comissão Europeia em Portugal, disponível em <http://bocc.ubi.pt/pag/mesquita-mario-ponte-cristina-Cursos-Com1.html> (documento policopiado em novembro de 2014).

Ortriwano, Gisela S. (2002/2003) *Radiojornalismo no Brasil: fragmentos de história*. São Paulo: Revista USP, n. 56, Dez/Fev 2002-2003. p. 66-85. Disponível em: <<http://www.usp.br/revistausp/56/10-gisela.pdf>>. (documento policopiado em Acesso em janeiro de 2013).

Prado, Emílio. (1989) *Estrutura da informação radiofônica*. São Paulo: Summus.